

PIRANHA _ DEZEMBRO 2010 por Christine Greiner

A forma particular do redemoinho de espumas sobre as ondas é sempre resultante de uma descontinuidade devida a forças antagônicas no movimento do líquido. Estas forças tendem a romper a simetria do movimento e encontram a oposição das outras que buscam estabilizá-lo.

Isso sempre resulta em uma eclosão, em uma descontinuidade abrupta, em uma catástrofe no movimento. O que parece misterioso é que, às vezes, a forma se mantém, sobretudo quando a estrutura consegue permanecer estável.

Cientistas como René Thom explicam que toda forma deve ser ligada a um movimento, a um dinamismo particular e à descontinuidade que, por sua vez, gera a possibilidade de uma estrutura. Mas essa possibilidade só é realizada quando, apesar de descontínua e resultante de uma instabilidade brutal do regime anterior, ela mesma produz uma estrutura dinâmica relativamente estável.

O tremor, o movimento fragmentado e espasmódico e a fissura que insiste em se camuflar, é o que acontece com Wagner Schwartz em Piranha.

O corpo-redemoinho promove a eclosão das palavras (ou seria o contrário?), ameaçando a todo tempo colapsar. Há variáveis externas e internas, mas a teoria que se apresenta nada mais é do que o desdobramento universal de uma singularidade.

O corpo que migra, a voz que silencia, a frase que não se completa, o ruído que organiza, a expressão que escorre como secreção, a solidão, a solidão, a solidão, a solidão.